

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1249	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	10 de Setembro de 1913	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



A ACTRIZ ANGELA PINTO, NO PAPEL DE «HAMLET» EM REPRESENTAÇÃO, NO THEATRO APOLO

CRONICA OCCIDENTAL

E' principio vulgarmente acceito que todos recolhem do mesmo modo as impressões do mundo exterior e do mesmo modo concebem e elaboram o pensamento.

Este principio é uma supposição comoda e gratuita. Nenhuma prova ha que o corrobore. Não existem no mundo dois objetos perfeitamente iguais. Dois espiritos não recolhem nunca dum mesmo facto as mesmas impressões. As sensações determinadas por um objeto variam infinitamente de individuo para individuo. A organização nervosa e sensorial difere infinitamente de individuo para individuo e no mesmo individuo em momentos diversos.

Um som não é igualmente apercebido por ouvidos varios. Uma coisa não tem a mesma grandesa, nem a mesma côr, para diversos olhos que a fitem. Se uns têm a vista normal, outros são daltonicos; se uns são presbytos, outros são myopes.

E dentro da mesma categoria, as cambiantes vão ao infinito.

As sensações são, portanto, necessariamente diferentes, em qualquer grau, umas das outras.

Existe sempre entre os homens uma mesinteligencia inevitavel.

Visto que não podemos identificar-nos absolutamente uns com os outros, acontece que não compreendemos precisamente, nem precisamente somos compreendidos.

O vocabulario é demasiado restrito para exprimir com precisão as numerosissimas nuances de sensações e pensamentos. Supondo mesmo a existencia dum vocabulario completo, defrontar-nos-iamos com embarços identicos; as palavras permaneceriam como enigmas insolúveis, visto que absolutamente careceriamos do dado da experiencia que essas palavras implicassem.

A origem da linguagem voga na região altissima da metafisica. Mas seria, na verdade, curiosissimo seguir a evolução, fisica e espiritual, duma palavra através dos tempos.

Cada época por que passa, deixa nela cunho caracteristico. E, assim, uma palavra sobre que se detenha a atenção, é chave que abre ao nosso espirito um mundo vastissimo de observações. Através dos tempos vai transfigurando a sua fisionomia — aspecto externo, e a sua alma — sentido intimo.

Uma palavra póde adivinhar estados sociais e mentais.

A linguagem é um organismo vivo, como o pensamento o é tambem. A linguagem e o pensamento são organismos vivos de natureza diversissima, contrastantes, mas inseparaveis e inconfundiveis, como corpo e alma, forma e materia. A ideia sem palavra é impossivel. A palavra sem ideia é psitacismo.

Irmãs-gemeas, condenadas a viver eternamente juntas, extraviavam-se, perdem-se e morrem, se uma se extravia e perde.

Minima fraqueza, quando autónomas, são a maxima força quando associadas. Associadas, debatem-se num duelo irremovivel e incansavel.

Esta luta é motivada pela diferenciação saliente de suas naturezas e tendencias. O pensamento é fluido e essencialmente dinamico. A linguagem é positiva e propriamente estatica.

Não podem adaptar-se perfeitamente. A palavra tem contornos firmes e preciosos que desfiguram a ideia subtil e cambiante.

A palavra é uma canalisação imperfeita da ideia. Se o pensamento excede, e supera a palavra, fica improdutivo.

Se a palavra supera e excede o pensamento, gera abortos. O equilibrio é imprescindivel.

Além disto, os homens não possuem, todos, o mesmo entendimento, nem a mesma cultura, não fazem o mesmo uso da razão, nem se dedicam aos mesmos estudos. E assim, a mesma palavra tem para cada um uma accepção diferente. Na verdade, todos falam uma linguagem especial. Uma palavra varia de significação intima, entendida por uma criança, ou por um ancião, por um ignorante ou por um sabio, por um operario ou por um gentilhomem.

A palavra varia ainda de significação essencial, entendida por individuos da mesma categoria intelectual ou social.

Os escritores não se distinguem entre si, sómente por um vocabulario pessoal e uma sintaxe propria, por exotismo de expressão, e idiosinerasias retóricas; dispensam ás palavras que empregam, significações differentissimas, mais ou menos restritas.

O estilo é individual. A linguagem imaginativa é inconfundivel. Uns são visuais, outros, auditivos, e ainda outros, motôres. A formação de imagens é sempre necessariamente realisada de modo diverso em espiritos diferentes. Se uns traduzem o pensamento por imagens visuais, outros moldom-no em imagens auditivas.

Se um poeta, como Verlaine, representa o seu pensamento pela sugestão vaga dos sons, Théophile Gauthier realisa-o pelo colorido que o seu verso projeta na alma do leitor, e ainda outro, mais extraordinario, como Baudelaire, o modela na evocação dos cheiros.

Daqui se alevanta — digamol-o em parentesis — uma condenação categorica das traduções literarias e reproduções artisticas que podem não ser, na realidade, roubo, como diz o anexam italiano, mas são sempre, incontestavelmente, contrafacção.

ANTONIO COBEIRA.



Pelos teatros

O «Hamlet» no Apolo

Hamlet. A imagem sombria do misterioso principe da Dinamarca, esse portento do genio do poeta inglês, foi mais uma vez interpretada na scena portugueza por uma das suas mais lidimas glórias.

O que o *Hamlet* representa para o seu protagonista de trabalho violento, de estudo, de talento e de arte, sabem-o todos que uma vez estremeeceram ante a grandeza daquela obra genial, tão acima da humanidade pela concepção, tão profundamente humana pelos sentimentos que expõe, pelos conceitos que exprime e sobretudo pelo seu caracter universal.

Não abundam entre nós actores que possam arcar com as responsabilidades enormes de tão difficil papel. Eduardo Brazão teve nelle uma côr de louros.

Foi desta vez uma actriz que, não recuando perante os obstáculos insuperaveis que se lhe antepunham, dedicou todo o seu talento e toda a sua vontade a esse trabalho magistral.

Angela Pinto não é a primeira vez que interpreta o *Hamlet*. Fê-lo no Brasil ha alguns anos. Para nós o seu trabalho é novo.

Angela empregou no desempenho do seu papel de *Hamlet* tão aturado estudo, deu-lhe tanto vigor e ao mesmo tempo tanta sobriedade, que poucos actores poderiam imitá-la.

Se alguma vez o seu *travesti* lhe não permitiu que fôsse verdadeiramente *Hamlet*, porque a sua voz a atraioava, exclusivamente por isso, logo em scenas capitaes se apagava essa ligeira impressão em face da fórma extraordinariamente sublime e arrebatadôra como ela as desempenhava. A sua voz, a que ora alludimos, tomava por vezes acentos tão grandiosos, tão sentidos que nos faziam esquecer totalmente que aquele *Hamlet* era do sexo fragil. A sua fisionomia reflectia todo o sofrimento, a tortura intima da alma alucinada do desventuroso principe.

Esperavamos isso de Angela.

Quantas obras por ela desempenhadas, de difficuldades sem conto, no lo asseguravam. E uma outra coisa ha ainda no seu estranho temperamento de artista. A facilidade com que se amolda a papeis de natureza inteiramente diversa.

Ha pouco tempo ainda se entregou a um género que, apezar de ter encontrado nela todos os requisitos indispensaveis, reputamos improprio do seu grande talento. E julgue-se esta nossa opinião como um brado em prol do nosso depauperado teatro que tanto necessita de cultôres de tal categoria.

Honra-se o OCCIDENTE publicando o retrato da grande actriz, prestando-lhe assim justa homenagem.

A. N.



PELO MUNDO FÓRA

A nossa vizinha Espanha, que, pelo tratado franco-espanhol de 1912, ficou integrada na politica da *entente cordiale inglesa*, esforça-se cada vez mais para o estreitamento de relações com a França, as quaes se tornaram mais intimas após a visita a Paris do rei *Afonso XIII*, visita que no proximo outubro será retribuida pelo sr. *Poincaré*, e que terá como facto culminante e de altissimo alcance internacional a formação d'uma *quadrupla entente*: — *Inglaterra, França, Russia e Espanha*.

Da intima approximação hispano-francêsa dá eloquente testemunho a comemoração da *batalha de San Marcial*, em 31 d'agosto, em homenagem aos heroes do combate de 31-8-1813, em que pereceram milhares de francêses e de espanhoes e cuja memoria fica perpetuada no monumento ali erigido em nome dos dois paizes, como symbolo da coragem e ao mesmo tempo da affeição e fraternidade.

Logo após a *batalha de Victoria* (21-6-1813), desastrosa para as tropas francêsas, o generalissimo do exercito anglo-espano-portuguez, *Wellington*, resolveu apossar-se de *San-Sebastian* occupada pelo *general Rey*, á frente de 3:300 soldados.

O *marechal Soult* quiz soccorrer a cidade atravessando o *Bidassoa*, sob a acção da metralha lançada do alto das escarpadas. E, de facto, a 31 d'agosto as tropas francêsas atravessam o rio entre *Vera* e *Irun*, sob o fogo do inimigo, e tentam forçar o campo espanhol. O

exercito francês teve que recuar. Foi esse o seu ultimo combate em terra de Espanha. Mais de 3:000 francêses e 2:000 alliados ficaram no campo da batalha.

A municipalidade de Irun decidiu celebrar essa data, elevando um mausoleu áquelles soldados, e, num impulso generoso, convidou as cidades visinhas Bayonne e Biarritz para tomarem parte na inauguração do monumento cuja legenda fala assim:

Aos heroicos soldados francêses e espanhoes, mortos ha cem annos no campo de batalha. Em signal de admiração pela sua bravura e em testemunho de affeição e de fraternidade entre as duas nações irmãs, a Espanha e a França.

Memoria dos valentes de 1813 e desejo d'união e paz entre os dois paizes; homenagem ao heroismo do passado, e, ao mesmo tempo, esperança expressa para o futuro.

O alcalde de Irun, no convite para esta cerimonia, dizia: — «Perante este monumento não se trata de avivar a lembrança de victoria ou de derrota, mas tão sómente de prestar homenagem a heroes dignos das suas grandes tradições nacionaes e da admiração universal.»

Estas palavras merecem vulgarisação, pelo espirito de concordia que encerram.

De altissimo alcance para a paz em Espanha foi o acto magnanimo de Affonso XIII, commutando a pena de morte do regicida Sancho Alegre. O côro de louvores, tanto da imprensa espanhola como de todo o mundo, constitue um enorme triumpho para o valoroso monarcha, que tão superiormente representa o cavalheirismo da patria de Cid e de Campoamor.

A este inolvidavel e mavioso poeta acaba a Espanha de prestar immorredoura homenagem, erigindo-lhe um monumento em Navia. Para essa commemoração fôram especialmente convidadas as escolas e associações operarias. As creanças, entoando o *hymno de Campoamor*, os deputados nos seus inflammados discursos, e os convivas do banquete official fizeram vibrar intensamente a alma asturiana em louvor do grande poeta, gloria não só da Espanha, mas do mundo.

A proposito de commemoração, cabe o citar-se aqui a inauguração em Gand do monumento aos irmãos Hubert e Jean Van Eyck, dois illustres pintores flamengos. Este monumento foi feito á custa de subscrições internacionaes, sob o patrocínio da Condessa de Flandres, mãe do rei Alberto, que presidiu á cerimonia.

Azado é o momento para consagrar aqui duas palavras ao nosso incomparavel artista Columbano Bordallo Pinheiro, verdadeira gloria nacional, que na Galeria Georges Petit, em Paris, obteve uma nova serie de triumphos, confirmados pelos mais exigentes criticos d'arte, que

fizeram especial menção d'algumas obras do genial artista. Assim, Henri Franz, no *Excelsior*, destaca-lhe o retrato do Actor Rosa, as *Ostras*, *Fructos do Outomno* e *O Melão*.

E. Berteaux, no *Bulletin d'art ancien et moderne*, poz em relevo a personalidade de Columbano, cuja arte pertence a elle só, e é essa tristeza que cobre, como um veu immaterial, os retratos mais francamente modelados, mais altivamente accentuados. E' a saudade o spleen portuguez, que deixou os seus vestigios, como um caracter secular e nacional, nos retratos do grande Nuno



COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO

Gonçalves, o discipulo de Jean Van Eyck, cuja obra só recentemente sahiu da sombra, quando Columbano formára já a sua personalidade e já se fizera consagrar.

O *New-York-Herald* fez tambem o elogio dos trabalhos do nosso distincto compatriota, pelos seus retratos de grande e severa distincção, e telas representando fructos pintados com tal originalidade e mestria que dão a Columbano um logar entre os melhores pintores da natureza morta.

Falando de portuguezes e de manifestações pro-patria, forçoso é registar o esforço tentado na capital da França pelo nosso compatriota sr. Camillo Froes, que, do dizer do sr. X. de Carvalho, ali organizou um grupo — *Les amis de Camoens* —, sob a presidencia d'honra do sr. dr. Theophilo Braga. Esse grupo publicará um boletim e terá reuniões mensaes e almoços intimos, á portuguezsa, cosinhados pelo Quizomba, antigo

ajudante do Antonio das Caldeiradas, e agora cosinheiro em Paris.

Emile Olivier, o primeiro ministro do gabinete de 1870, que declarou a guerra á Prussia, falleceu com 88 annos. Foi genro de Liszt e cunhado de Ricardo Wagner. Escreveu muitos volumes: *Démocratie et Liberté* (1867), *Lamartine* (1874), *Solutions politiques et sociales* (1894), sendo a sua obra mais notavel *L'Empire Libéral*, em 20 volumes. Entrou no seio dos quarenta immortaes em 1870, em toda a sua gloria ministerial, em substituição de Lamartine.

Como chefe do gabinete de Napoleão III, em 1870, apontam-se-lhe o decreto de amnistia em favor de Ledru-Rollin, a convocação do Supremo Tribunal de Justiça para o principe Pedro Bonaparte, as perseguições exercidas contra Henri Rochefort, e, finalmente, o projecto de Constituição destinado a transformar o imperio auctoritario num governo parlamentar e liberal.

Rochefort, o phamphletario temivel que na morte precedeu E. Oliver, escreveu um romance em que o primeiro ministro de Napoleão III figura como protogonista, sob um pseudonymo.

Este romance — di-lo o *Diario de Noticias* — foi traduzido em portuguez com o titulo de *O Renegado*, por Cecilio de Sousa, director da *Folha do Povo*, dedicando esse trabalho ao sr. dr. Theophilo Braga.

Durante a sua vida ministerial, Ollivier teve que substituir tres ministros, que se demittiram por causa da Constituição. Veiu depois a guerra entre a França e a Prussia, provocada pela candidatura do principe Hohenzollern ao throno da Espanha.

No castello de Hohenzollern, em Sigmaringen, celebraram-se agora os esponsaes do Senhor D. Manuel de Bra-

gança com a Princesa Augusta Victoria, neta da Senhora Infanta D. Antonia, a unica filha sobrevivente da rainha D. Maria II.

As testemunhas do casamento de D. Manuel são: o principe de Galles, representando seu pae o rei de Inglaterra, e o principe Augusto Guilherme da Prussia, representando o imperador Guilherme.

Ricas e numerosas prendas foram enviadas para Sigmaringen, tanto de Portugal como da Allemanha, França, Italia, Espanha e Inglaterra. A esta nação pertence o conceituado jornal liberal *Manchester Gardian*, que ha dias disse: «Tem sido muito falado entre inglézes em regra muito realistas, como se sabe, que os seus reis, nos presentes de casamento que offereceram ao sr. D. Manuel, e que são objectos de ouro e prata de muito valor, mandassem gravar a inscripção: *Ao rei D. Mannel* e, ainda mais, que a rainha Alexandra, em uma grande

taça de ouro, lhe chamasse *rei de Portugal*.»

O referido lornal radical acha que as dificuldades, originadas por aquelles di-zêres, estão resolvidas e assentes, e conclue nos seguintes termos:

«Póde acrescentar-se que aquelles que conhecem aqui o Senhor D. Manuel falam altamente das suas maneiras encantadoras e grande tacto, e da-se muita importancia ao facto de que, durante todo o tempo em que aqui tem estado, nem uma só vez se collocou em falsa posição; e entendem que, considerando todas as circumstancias, isto implica ser o seu tacto quasi egual ao genio.»

D. Manuel vae residir no *Palacio de Fulwell Park*, em *Twickenhan*, bella vivenda fronteira de *Stainess Road*, edificada numa extensa collina, com jardins bem arborizados. Aquelle palacio foi residencia de *Luis Philippe*, rei de França. *Twickenham* foi habitado por *Alexander Pope*, *Horacio Walpole*, *lord Bacon*, *John Donne*, *Tennyson*, *Dickens*, *arcebispo Telple* e *Mr. Labouchere*.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Abdul-Hamid desenhista

A meu pae

Se este titulo suggestivo cahisse nas mãos de algum imaginôso chronista yankee, daria sufficiente materia para um farto volume de muitos centos de paginas. Mas isso nada prova contra a sua veracidade; pode significar, quando muito, que a phantasia dos melhores reporters europeus fica muito áquem da dos seus colégas da *Livre America*.

Quem o diria? Abdul-Hamid, o sultão desthronado da Turquia, o possuidôr das mais formosas mulheres e dos mais soberbos corseis do Oriente, o dono de immensas riquêças e de inexgottaveis thesouros, o profundo e graciôso commentadôr das *Memorias*, transformado num *lapis* de talento.

Um dia, folheando as deliciosas paginas do *Studio*, parei a vêr cheio de curiosidade uns rabiscos, que ao primeiro olhar me pareceram traços hyeroglyphicos, semi-indecifraveis. Mas não. Eram desenhos á penna, duma simplicidade e duma correcção encantadôras.

Tinham apenas o defeito de não passarem de esbôços, talvez um pouco asperos. Mas que expressivos!

Cavalgadas ruidosas de ginêtes á desfilada, montados por destemidos guerreiros com os yatagans em riste e as esporas cravadas, no meio de torvelinhos de pó. Vêem-se á frente bandeiras erguidas, com a meia-lua, que parecem conduzir á vitoria, Assim o julgava, decerto, Abdul-Hamid, quando *sonhava no papel* essa longinqua era de embriaguês e de triumpho, em que as hostes mussulmanas batiam ás portas de Vienna, depois de terem assolado metade da Europa.

Mas a pagina do *Studio* fêz-me dó.

Esses soldados nervosos e aguerridos são os mesmos, que ainda hontem mordêram o sólo na gigantêca batalha de *Bunar-Hissar* — *Lüle-Burgas*, os que ficaram vencidos em *Kirk-Kilisse*, os que tiveram de retirar de *Andrianopla* e *Salonica*, os que morreram nos caminhos e nos hospitaes, minados pelo desalento e pela péste...

Que importa? Porventura a estas horas, nalgum esplendoroso palacio de *Scutari* na *Asia*, pintado de branco e oiro e rescendendo a myrrha, o antigo imperador da Turquia estará a desenhar em linhas trémulas a *passada gloria* do seu pôvo. E' tão bôa a illusão...

MANUEL DA GRANJA.



Entre os Rios

Ao tempo do meu regresso do Gerez trazia a firme intenção de dar aos leitores do OCCIDENTE, conforme eu soubesse ou pudesse, uma agradável informaçãõ d'esta linda estancia de aguas da Torre de Entre os Rios, um lindissimo trecho minhoto engastado em plena provincia do Douro, talvez para que o rio que lhe dá o nome ao ser abraçado pelo seu confluente o Tamega não tivesse de ter inveja ao seu irmão pelo nascimento, o nosso decantado Minho, pois que na paizagem tantas vezes se irmanam. Esperava poder acompanhar esta noticia de alguma vista panorâmica ou d'algum trecho de paysagem que lhe dessem oportunidade. Baldado empenho! sem que com tal falta de documentos chegasse a convencerme de que nunca tivesse transitado por aqui photographo profissional ou amator. Estava reduzido a fallar de arvoredos frescos, frondosos e abundantes de poentes luminosos, ou de céus carregados de nuvens deixando por vezes de admirar pelas aberturas de seus vapores os insondaveis abysmos de um translucido azul; mas tudo isto é tão ty-

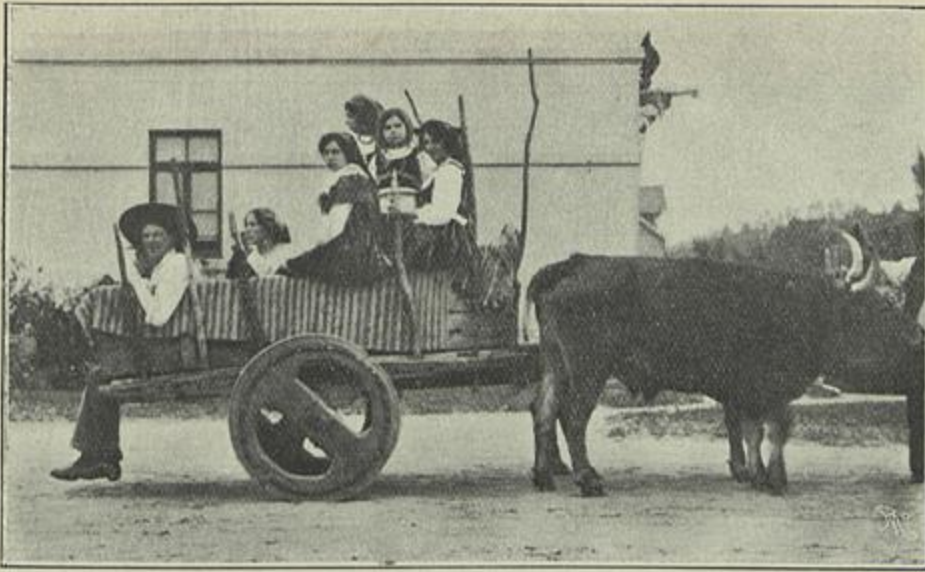
pico, tão caracteristico do nosso Portugal que não me permittiria senão deslizar pelo campo dos logares communs, desde que não podia transportar os leitores a essa paradiziaca estancia da Quinta das Granjas que domina a encantada paizagem em cujo centro Douro e Tamega se abraçam e confundem, para, bem unidos, irem passar ovantes sobre o arco triumphal da altiva ponte que liga as duas margens; visto que me era impossivel ir mais longe com os leitores no caminho do Sobrado de Paios para lhe mostrar da volta da estrada que denominam o sitio de *Catapeixe*, aquelle mimo de paizagem que se contempla como em modesto recato lá no fundo do valle, á direita de quem a contempla.

Comecei a sentir-me desalentado, talvez por que deu em me faltar a saude, mas estava escripto que ao OCCIDENTE não faltaria a minha prosa; e quem sabe se por milagre de S. Bartolomeu. D'esta vez, se o demo andou á solta não foi para os aquistas de Entre os Rios, pois que uma gentil dama, a sr.^a Viscondessa de Silves, conhecedora dos excellentes elementos que a cercavam, conseguiu agrupar as raparigas mais gentis, mais cheias de mocidade, graça, naturalidade e enthusiasmo, e os rapazes mais distinctos, mais alegres e mais bem postos que adornavam o Hotel Novo e fez de umas as lavradeiras minhotas mais perfectas e engraçadas, mais cheias de vivacidade e de compostura, e dos rapazes uns perfectos conversados da aldeia, promptos a terçarem seus bordões pela sua dama ou a derramarem-lhe aos pés as flôres do seu estylo. O domingo, 24 de agosto, foi uma noite de festa que o Hotel Novo veiu dar ao Hotel da Torre. Que regalo para quem assistiu a essa esfolhada em noite de luar com os engraçados a proposito, com os descantes alegres e esfusiantes, ao som dos suspiros das guitarras! Quanto se alegrou quem viu magistral e artisticamente executados aquelles bailes typicos tão do minho, em que as roupagens alegres, variegadas e polychromas mostram recordar aquellas gerações antes possuidores d'estas nossas



EM ENTRE-OS-RIOS — CARRO CONDUZINDO LAVRADEIRAS PARA A FESTA DA DESFOLHADA ORGANISADA PELA EX.^{MA} SR.^A VISCONDESSA DE SILVES

(Cliché do amator sr. Roberto Cudell)



ENTRE OS RIOS — NA FESTA DA DESFOLHADA PROMOVIDA PELA EX.^{ma} SR.^a VISCONDESSA DE SILVES
(Cliché do amador sr. Roberto Cudell)

terras onde por aqui mourejavam, cantavam e dançavam, essas danças orientais, e que ao sahirem de lá com o seu Koran ainda deixaram a sementeira de suas superstições e legaram as suas vestes, o fato ou as suas roupagens e os labores de seus linhos.

Para mim não foi a festa: de quando em quando chegavam amortecidas pela distancia algumas notas soltas que me faziam sentir maior a solidão do meu quarto, e tive de contentar-me com um demorado relato do que a festa fôra e a elle poupo os leitores; mas emquanto á verdade devo dizer que á boa intenção de quem quer que fosse deveram os hospedes do Hotel da Torre a fineza do desfile, pela frente d'este hotel, dos dois carros de que devo as photographias ao photographo amador o sr. engenheiro Roberto Cudell do Porto.

Foi uma agradabilissima visão como de sonho, contemplada atravez dos vidros da janella: commoveu-me tanta alegria e tanta mocidade, e quando a senti perdida na distancia volvo os olhos uns sessenta annos atrás e senti-os deslizar no fluido de uma lagrima de inveja?

Não, de saudade.

SILVA MATTOS.



Caldas da Rainha

Arraial com danças e cantares portuguezes no parque da casa do sr. Visconde de Sacavem (José). Uma noite interessante.

A noite de 30 de agosto foi de verdadeira festa aqui na villa. Logo ao principio da noite o movimento de carruagens e automoveis era desusado, com direcção á casa do Visconde de Sacavem (José) onde se realisava, no terreiro em frente da sua casa, um arraial com danças e cantares portuguezes. A entrada no parque foi por convites, estando os jardins todos illuminados a luz electrica, balões e copinhos de côres, offerecendo um aspecto lindissimo. A' roda do terreiro estavam collocados renques de cadeiras estando todas cheias das principaes familias da villa, e de Lisboa que estam a veraneiar.

O programma da festa foi assim organizado: — A's 9 e 30: *Entrada dos ranchos*

(descantes). — 1.º Rancho Esperança — 2.º Rancho Saudade. — CANÇÕES E DANÇAS MINHOTAS — Ranchos Esperança e Saudade. — *Chula de Viana* (dança). — *Ai, ai...* (canção). — *Estaladinho*. — *Casaquinha*.

Entraram nos ranchos as ex.^{mas} sr.^{as} D. Laura Monteiro de Sousa, D. Maria de Lourdes Infante da Camara, D. Eugenia Monteiro de Sousa, D. Eugenia de Assis, D. Eugenia Mendonça, D. Maria do Carmo Cordovil Vaz Coelho, D. Maria do

Pilar Sergio de Sousa, D. Emma Fassio, D. Emilia de Assis, D. Maria Amelia Mexia da Costa, D. Anna Alvelos, D. Maria do Rosario Mesquitella, D. Maria José Alvelos, D. Maria Leonor Restello, D. Maria Felismina Restello, D. Maria de Lourdes Mesquitella, D. Maria Ernestina Infante, D. Luisa Machado, D. Fernanda Menezes, D. Alice Barcellos, D. Arminda Talone, D. Fernanda Noronha, D. Clara Vilhena e D. Maria Vilhena e os ex.^{mos} srs. José Sebastião Torres Vaz Ferreira, Jacintho de Torres Vaz Ferreira, Luiz Infante da Camara, Vasco Infante da Camara, Nuno Infante da Camara (pae), Nuno Infante da Camara (filho), Francisco Bacelar Caldeira Barreto, Alexandre de Mendia, Francisco de Mendia, João Queriol, dr. Queiroga Valente, Pedro Brian, Nuno Brian, José Pereira Caldas, Henrique Brian, dr. José Alvelos, Manuel Alvelos, Guilherme Alvelos, José Manuel (Sacavem), José Formosinho Sanches, dr. Martins Pereira, dr. Talone da Costa e Silva, José Matheus de Mendia e Carlos Martins Pereira.

A festa decorreu brilhantissima, terminando pelas tres horas da madrugada.

A's onze e trinta foi servido chá, dôces e ás duas horas chocolate.

A «canção portugueza», que vae tendo, felizmente no nosso paiz bastante interesse, necessita de festas assim organisadas para que a maior parte possa avaliar todas as phases da sua beleza melodica. Assim a *canção* offerece-nos, tal como nasceu na alma popular, sem a estylisação do compositor, e longe dos salões, n'aquelle scenario todo rustico, penetra mais na nossa alma, com todo o seu encanto de poesia lyrica.

Devemos mencionar a fórma deveras digna de nota como foi marcado o *Estaladinho* sob a direcção do sr. dr. Martins Pereira, e os sólos cantados por *Mademoiselle* Machado e ex.^{mo} sr. Mesquitella.

(Correspondente.)

Nas termas das Caldas da Rainha



RANCHO «ESPERANÇA» — (Cliché a luz artificial pelo sr. Jorge Lima)

Nas Termas das Caldas da Rainha



GRUPO DE CONVIDADOS DA «GARDEN PARTY» REALISADA NO PARQUE DOS SRS. VISCONDES DE SANTAREM (JOSÉ E D. MATHILDE)
(Cliché do sr. Jorge Lima)



O RANCHO «SAUDADE» — (Cliché à luz artificial, pelo sr. Visconde de Sacavem (José))

Os Exercícios Militares das Escolas de Repetição

Desde o dia 1 a 7 do corrente, que em todo o país se realizaram os exercícios das Escolas de Repetição, por destacamentos mixtos, de artilharia, cavalaria e infantaria.

E' este o segundo ano em que se fazem estes exercícios, conforme a nova lei, devendo registrar-se que todas as praças licenciadas se apresentaram sem relutancia e até com certo entusiasmo.

No dia 1 foi a partida para os exercícios, o que em Lisboa despertou bastante interesse, tanto maior porque S. Ex.^a o Presidente Dr. Manuel de Arriaga foi passar revista ás tropas, sendo a primeira vez que apparecia em publico, depois da grave doença que o acometera.

O povo que acorreu á partida das tropas, fez uma carinhosa manifestação ao Chefe do Estado e ás forças militares que correspon-



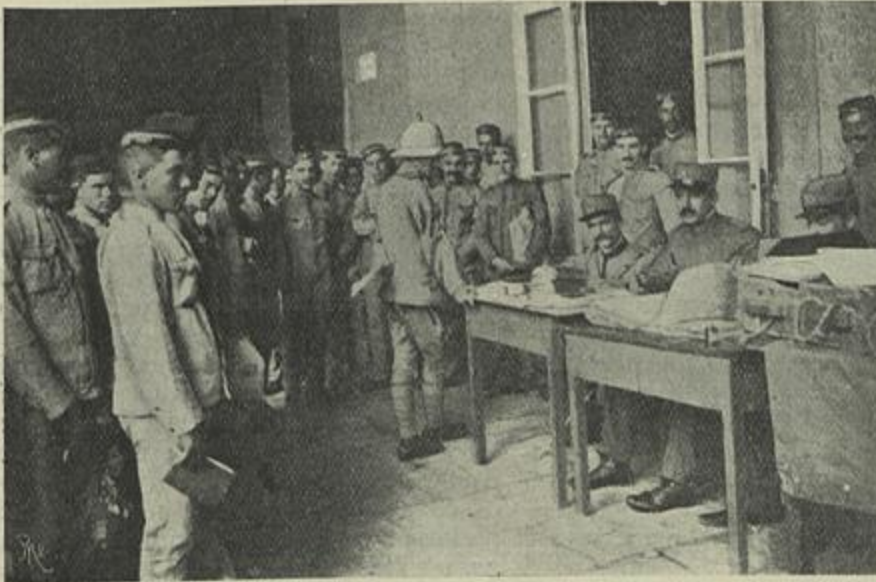
SUA EX.^a O PRESIDENTE DR. MANUEL DE ARRIAGA ACOMPANHADO DO SR. PRESIDENTE DO GOVERNO, DR. AFFONSO COSTA, E DO SECRETARIO SR. DR. FORBES BESSA, PASSANDO REVISTA ÁS TROPAS, NA AVENIDA DA REPUBLICA

deram com entusiasmo.

Em Lisboa o comandante da coluna composta de artilharia 1 e grupo de metralhadoras, esquadrão de cavalaria 4 e regimentos de infantaria 2 e 5, foi o coronel de artilharia sr. Ramos da Costa; no Porto o sr. coronel de engenharia Pereira Dias; e nos outros distritos militares os respectivos comandantes.

Os exercícios, denominados de *pequena guerra*, realizaram-se com marchas e bivouacs, fogo de artilharia e de infantaria, simulando ataques e defesa, correndo perfeitamente sem hesitações, mostrando-se todas as praças muito animadas, como no seu proprio elemento.

No dia 7, o regresso a quartéis, deu motivo a novas manifestações do povo aclamando as tropas, que se mostravam satisfeitas depois de 7 dias de campanha.



APRESENTAÇÃO DOS RECRUTAS NOS QUARTEIS



ARTILHARIA SEGUINDO PELA AVENIDA DA REPUBLICA



AS FORÇAS DE CAVALARIA E DE INFANTARIA EM MARCHA PARA OS EXERCICIOS

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

V

TRIUMPHO INUTIL

(Continuado do numero antecedente)

— E porque razão ama a menina Carbranches? Ah! mocidade, mocidade, como ignora o seu encanto! Inconsciente sedução que vae pelo mundo, cruel e conquistadora! O sr. traz no olhar o amor, como as flôres o perfume.

Fombreuse sentia-se triste por pensar no que soffreria Anna Le Cozan.

— Eis uma bella amiga que eu perdi. Meu caro Steinbaum, não seria muito melhor affastar-me para não animar a esperança de que eu sou auctor innocente?

— Não acabar, mas sim separar. O ser amado, logo que não ama, tem um dever de caridade para aquelle que se dedicou com toda a força da alma. E' sempre um erro vermos quantas paixões despresadas ou abandonadas prevalecerem-se no meio dos desesperos. Um homem como vós, Mauricio, deve consolar um coração, mesmo cura-lo; não sente amizade por ella?

— Muita, com um grande reconhecimento.

— Pois bem, deverá sonda-la com toda a franqueza, mas sem phrases equivoas. Fallar-lhe o menos possivel da vossa afeição, principalmente quando estiverem sosinhos. Ter conversas em que se tradusa qualquer alusão a assumptos de amor é sempre buscar alimento a coisas que ella póde julgar que se pódem realizar. Ella deverá permanecer como um ente illuminado de bondade resignada para recompensar a tristeza de não ter encontrado o amor...

— Mas, Steinbaum, não convem então que ella saiba ou comprehenda que eu amo Serafina? Assim soffreria muito mais.

— Certamente, não dizer nada ás vezes é dizer tudo.

— E se ella fica ignorando tudo até final?

— A sua arte e a sua fé será um asylo.

— Então aconselha-me não acabar tudo, por simples caridade?

— Sim, é essa a minha maneira de pensar.

.....
A ultima audição de Anna foi um triumpho completo não só para a cantora como para Mauricio Fombreuse. A sala Erard tinha sido pequena para a enorme concorrência. A cantora Salviane, como chegasse tarde, não teve lugar na sala.

A sr.^a Rudennis, rodeada de alguns artistas que mostrava ser seus protegidos, atravessou a sala, olhando para todos com ar risonho e com aspecto de senhora protectora da grande arte.

Anna, assentada em um *fauteuil* e envolvida em uma grande capa, olhava com impaciencia para o relojó que tinha em frente. Uma tosse nervosa apparecendo por vezes, irritava-lhe demasiado

a garganta. Todas as vezes que apparecia em publico, sentia antes um mal estar até mesmo ao momento que pisava o estrado. Dotada d'uma consciencia musical que a tornava segura das obras que executava, tinha sempre um certo receio que qualquer indisposição a revelasse inferior aos seus dotes artisticos. Ainda ficou mais nervosa quando Lescourias, seu acompanhador, disse a Fombreuse e a Steinbaum que a cantora Salviane tinha chegado.

— A Salviane da *Opera*? perguntou Anna, logo que ouviu aquelle nome.

— Sim, minha senhora, a Salviane da *Opera*. Está em um lugar de destaque; uma sala á cunha! Ha mais ouvidos que lugares...

— O dôbro, disse Anna, rindo-se um pouco.

Steinbaum inclinando-se para Lescourias disse:

— Fez mal em a prevenir.

— Não diga isso, não será bom antes da lucta conhecer o numero dos adversarios?

— Sempre tremula! disse Fombreuse com uma intonação que lhe dava grande coragem.

— Agora estou melhor, chegou a hora marcada.

— Não é como eu, disse Lescourias sorrindo-se, a orchestra já atacou o *tremolo*.

Anna Le Cozan levantou-se. Deixou cahir sobre a cadeira a capa que a envolvia, e olhou uns instantes para o espelho; e compoz o cabelo emquanto Maria José lhe arrajava a saia. A artista vinha vestida de setim preto, semi-decotado, mostrando uns braços torneados e de uma brancura admiravel. A energia do rosto realçava ainda mais a sua formosura.

Depois de olhar para o espelho, voltou-se para Fombreuse, como a pedir-lhe a sua approvação, porém o joven compositor permanecia absorvido a olhar para diversas partituras que estavam em uma pequena mesa.

Ella esperava um simples olhar, mas como Lescourias lhe mostrasse o relojó, a cantora fez-lhe signal que estava prompta.

Lescourias pegou na musica e deu-lhe o braço.

— Hoje tem a illusão que vae para uma batalha; tem o aspecto de uma Walkyria, com o seu ar guerreiro.

— Trocista, disse a artista, a minha coragem é apenas por fóra e tenho receio de não alcançar a victoria.

Como atravessassem o vestibulo do *foyer*, Lescourias ponde notar que a cantora fizera um discreto signal da cruz.

O concerto foi uma progressão de successo. Depois das melodias de Mozart e de Beethoven, ella cantou com a pureza de um estylo habitual a aria de *Orfeo e Atravez do Oceano*, que lhe valeram entusiasticas ovações. Mas Salviane, apesar de a ter applaudido, reteve um pouco as ovações prevendo encontrar em Le Cozan uma disposição dramatica.

Na aria do *Orfeo*, Anna revelou um grande sentimento de tristeza e de nobreza de amor chorando as lamentações de *Orfeo*, e o publico sentiu-se subjugado perante tanta chamma de talento!

A sr.^a Salviane não se sentia bem disposta, bem via que a sua rival lhe mostrava grandes disposições para a scena.

— Onde cantaria ella o *Orfeo*?!?

— Antes, onde *deve* cantar.

— Em que theatro?

— Por emquanto...

— A sua religião não a deixa seguir a carreira theatral...

— Transige-se com Deus por coisas de mais grave importancia.

— O que a mulher quer, Deus o quer, disse uma senhora que ouvira a conversa.

— Se não é em theatro onde é executada a opera de Glock?!?

— Não divulgue, no castello da condessa de Rudennis, na Bretanha.

— Uma brincadeira de villigiatura... já tinha tenção de comprar um camarote.

— Essas brincadeiras são capazes de mostrarem o caminho do theatro.

— Ella tem temperamento, reparou na phisionomia? Possui uma grande mobilidade!

— Eu que a encontro geralmente feia, esta noite acho-a bonita.

— Que mascara de Melpamenes! e os olhos? todas as transformações do azul, desde o azul pallido até ao terreal!

— Um azul raro!

— E a voz ainda mais rara. A virtuosidade e a emoção.

— Repare V. Ex.^a como está a sr.^a Rudennis, que alegria, parece ella a artista.

Salviane ouvia todas estas phrases, batendo com o leque sobre os joelhos, como se se mostrasse indifferente, mas a sua mão nervosa traía o seu modo de ver, o que irritava a alegria da condessa Rudennis.

Salviane tinha ousado recusar muitas vezes varios convites para as festas da condessa, porque não queria cantar perante um mundo de *snoobs* como tantos iam a casa da sr.^a Rudennis. Esta então dizia que não lhe fazia falta pois encontraria uma cantora de voz bonita para os seus salões. Foi por esta época que Anna Le Cozan começou a frequentar os conhecidos salões da condessa. Ella preferia a Salviane, cuja situação na *Opera*, o prestigio de mulher de theatro daria mais brilho ás suas reuniões. «A falta de uma ave rara, contenta-se com mellos», disséra a Salviane e alguns annos mais tarde a sr.^a Rudennis respondera: «Apanhei um raro rouxinol.»

O sorriso da Rudennis, voltando-se para Salviane, parecia dizer-lhe: «Ouves o meu rouxinol? Gostas da sua encantadora voz?»

A Salviane, como mulher intelligente, bem sabia como deveria estar e prestava toda a attenção para Anna Le Cozan.

(Continúa.)



— Patrão, quanto devo?

— Cinco meios litros.

— Não póde ser. Não me cabem no corpo mais de quatro.

— Bem: quatro que tem no bucho e um que lhe subiu á cabeça, são cinco.

Os supplicios moraes ultrapassam as dôres phisicas em toda a altura que existe entre a alma e o corpo. — *Balzac*.

Por montes e valles

(Notas a esmo)

(Continuado do n.º antecedente)

Em plena soalheira. Dias de sol claro, como existem em terras de Portugal. Por todo o campo uma luz espalha-se cheia de intensidade, havendo nos casaes, nas fazendas, nos atalhos, infinitas variedades



EM PLENA SOALHEIRA
Cliché do sr. Alfredo Pinto (Sacavem)

des de tonalidades de côres, em que as sombras se alongam em fórmulas variadas e caprichosas. N'aquellas horas a natureza reveste-se de esplendor, que já começára no raiar da auróra e que em breve declina no crepusculo da noite.

Varias estradas partem das Caldas, como a de Obidos, Foz do Arelho, Rio Maior, S. Martinho do Porto, etc., mas nenhuma tem para mim o encanto da estrada que liga esta villa com o lugar do Couto alongando-se depois até á povoação Sallir dos Mattos.

Qual caminheiro de Richepin, absorvendo na alma todas aquellas variedades que o campo me offerencia, sahi das Caldas quando o sol lançava cheio de vigor seus raios sobre a terra. Ao principio a estrada serpenteia uma pequena colina, ficando á direita encostas com vinha, á esquerda um pequeno valle que se alonga em vastos campos onde fica a villa das Caldas, indo a nossa vista muito ao longe, divisar um trecho de S. Martinho e os môrros da entrada da bahia.

Depois a estrada desenha-se plana por entre campos de vinha e pinhaes, onde aqui e allí diversos casaes com as casitas muito brancas, ostentando nos telhados aboboras douradas, que mais parecem ninhos de princezas encantadas, revestidas de lendas em que a nossa imaginação vagueie nos labirintos da phantasia.

Quem não quizer subir, como eu, este lanço de estrada tão conhecido para mim, pôde retomar a estrada, então plana, mettendo-se por uma azinhaga que fica logo ao sahir da villa, depois de se encontrar um grande tanque onde geralmente um grupo de lavadeiras batem roupa branca de neve, ao som de canções simples mas de rythmo agradável e melodico.

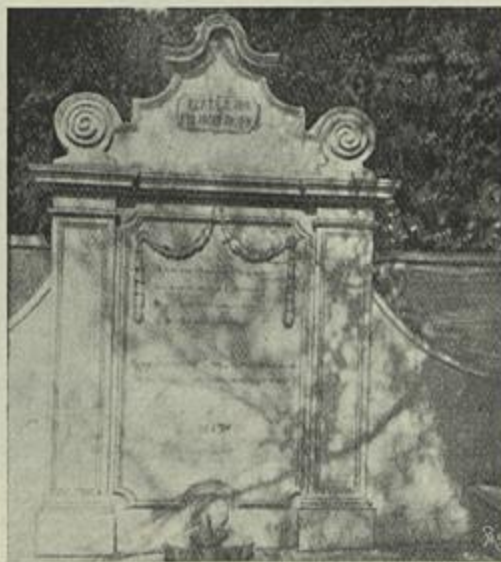
A natureza jazia em uma tranquil-

idade mysteriosa, e atravez d'aquella azinhaga assombreada, a passarada chilreava, voltejando de ramo em ramo, misturando-se com as vozes dos homens que andavam na cava d'um campo proximo.

Quasi a meio d'este caminho, como retirado, escondido, existe construido um monumento até agora desprezado. Faz recordar ás gerações futuras um acto de gratidão de uma cura lá realisada com um veio de agua ferrea que alli corria antigamente, em abundancia. Hoje a agua encontra-se desviada por causa de umas escavações que alli fizeram. Até a este anno o monumento tem permanecido em um estado de porcaria extraordinaria, hervas cresciam por toda a parte, a inscripção quasi desaparecida, emfim o nosso chronico desleixo.

Porém, ha dias quando por lá passei tive a agradável impressão de ver tudo restaurado e limpo! Não posso deixar de fallar aqui no sr. Eduardo Neves, presidente da Camara, que cheio de interesse cuidou d'este monumento, sempre desprezado até a esta data!

O monumento é feito de pedra e cal



O MONUMENTO NA AZINHAGA
Cliché do sr. Alfredo Pinto (Sacavem)

tendo talvez dois metros d'altura, vendo-se na frente a seguinte inscripção:

DA ENFERMA HUMANIDADE A BENEFICIO
EM MEMORIA DO BEM JÁ ALCANÇADO
FOI ESTE PERDURAVEL MONUMENTO
POR BENEFICA MÃO ÁQUI VOTADO.

TANTO PODE A GRATIDÃO
E DE BEM PUBLICO O ZÉLO
PRAZA AOS CEUS QUE HUM TAL EXEMPLO
SIRVA AOS MORTAES DE MODELO.

1819

Tendo mandado investigar nos archivos da camara se existe algum documento

a este respeito, até agora nada se tem encontrado. O que houver informarei os leitores, pois tenho curiosidade de conhecer o nome da pessoa que tal monumento mandou edificar.

No trajecto até ao Couto, encontramos digno de nota a Fonte de Santa



UMA CASA DO LUGAR DO COUTO
— A PARTIDA DO MENDIGO
Cliché do sr. Alfredo Pinto (Sacavem)

Rita, sempre muito caiada de branco, tendo em um nicho a imagem da santa. Mais adiante a quinta do Arieiro, com magnifica nascente, e proximo do lugarejo, semi-escondida, entre campos de vinha, isolada, uma capela, cujo patrono é S. Jacinho, tendo interiormente magnificos azulejos.

O lugar do Couto é muito curioso pelo lado selvagem que apresenta; apenas uma rua central, andando em plena liberdade galinhas e pòrcos. Varios bêcos cheios de estrumeiras encontram-se d'um e d'outro lado da rua central. As casas em relação á hygiene das ruas. As mulheres são feias e tismadas pelo sol, e durante o dia emquanto andam nas fazendas no labutar quotidiano, deixam as crianças no lugarejo tambem em pleno convívio com os animaes!

Existe no Couto o typo do mendigo que anda de porta em porta esmolando, e conforme é a importancia da esportula assim elle canta mais ou menos tempo. Tem a perfeita vida do vagabundo, recebendo agazalho d'esta pobre gente.

A ermida é junto ao cemiterio ficando no fim do lugar. Tem um aspecto modestissimo, na frente tem um terreiro d'onde se avista um grande valle, tendo ao fundo uma cadeia de serras, e muito ao longe espalhadas diversas povoações como: Casaes da Fonte, Sallir dos Mattos, Cruzes, Guizado, Casal da Areia, Torre, Barrantes, Infantes, etc.

Já a noite se avisinhava quando dei-xei aquelles sitios. O modesto sino da ermida badalava *Avé Marias*, por toda aquella região houve uns certos instantes, em que a nossa alma se elevou a regiões sagradas. Uns trabalhadores que



UM TRECHO DAS CALDAS AO CAHIR DA TARDE
Cliché do sr. Alfredo Pinto (Sacavem)

ao longe cavavam, pararam de trabalhar, e ficaram como suspensos ouvindo aquellos sons que echoavam pelos campos. Então á minha memoria vieram aquelles notaveis versos de *Lamartine*, o *Isolement*:

.....
«Cependant, s'élançant de la flèche gothique,
Un son religieux se répond dans les airs:
Le voyageur s'arrête, et la cloche rustique
Aux derniers bruits du jour mêle de saints concerts.»
.....

O sol no horizonte rubro de fogo despedia-se da terra passando para outros mundos. Pastores passavam com os rebanhos em direcção ás arribanadas, levantando pelos atalhos nuvens de poeira.

Assim, toda a paisagem ia desaparecendo pouco a pouco em sombras envolventes de mysterio.

A noite veio beijar a terra e o silencio reinou profundamente em toda aquella região.

(Continúa.)

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



«Dernières Lettres d'un Poitrinaire á sa Fiancée»

E' este o titulo de um elegante volume de versos que temos sobre a nossa mesa de trabalho e de que é autôr Madame Madalena Frondoni Lacombe.

Abrindo este livro vemos que dois distintos homes nas letras o prefaciam, apresentando-o a público com palavras de grande louvôr, que muito e muito honram a sua intelligente autôra. Os seus prefaciadores são M. Camillo Flamarion e o sr. Henrique Lopes de Mendonça, dois nomes de alto valôr, o primeiro nas ciencias e letras francêsas, o segundo nas letras portuguezas. E' esta uma distincção que muito deveria envaidecer Madame Lacombe se por acaso o seu espirito justo, simples e reto se pudesse envaidecer com qualquer elogio parta de quem partir.

Com respeito a este livro de versos dirêmos aos nossos leitores que o lêmos duma assentada, sem interrupção, o que seria impossivel se a acção tão imensamente passional não nos deliciasse o

espirito de tal maneira, que não tivemos coragem de interromper o fio da nossa leitura.

Madame Frondoni Lacombe é uma poetisa muito conhecida no nosso meio literário e tambem no meio literário francês onde é devida e justamente apreciada.

Este seu volume de versos, agora saído a público, é composto em francês e portuguez; e as belezas que encerra e a feitura do verso é tão boa nas duas linguas que não ha maneira de saber qual seja a tradução.

São dois originaes.

Nêles se revela e patenteia a fina, delicada, artistica, amorosa e sentimental alma de mulher que é a illustre e distinta poetisa Madame Frondoni Lacombe, a quem, com muitos parabens, enviamos sinceros agradecimentos pêla gentileza da oferta do seu valioso trabalho.

F.



OBRAS DO BEM

A Cantina Escolar de S. Mamede

Temos presente o relatorio desta humanitaria instituição e, de sua leitura, mais uma vez comprovamos quanto o espirito de solidariedade hu-



ESTEVÃO DA SILVA

com mais fé no proprio esforço do que com capitaes de que dispôr.

Foi o que succedeu com a Cantina Escolar de S. Mamede. Iniciada numa pequena casa da rua



FRANCISCO MARTINS DA COSTA

mana, em que a caridade é o principal principio, se afirma no povo portuguez de fórma incontestavel.

Se, amparar a velhice desvalida no ocaso da vida é uma das expressões mais humanitarias da solidariedade humana, não se impõe menos o cuidar da infancia desportegida, como prevenção contra a miseria.

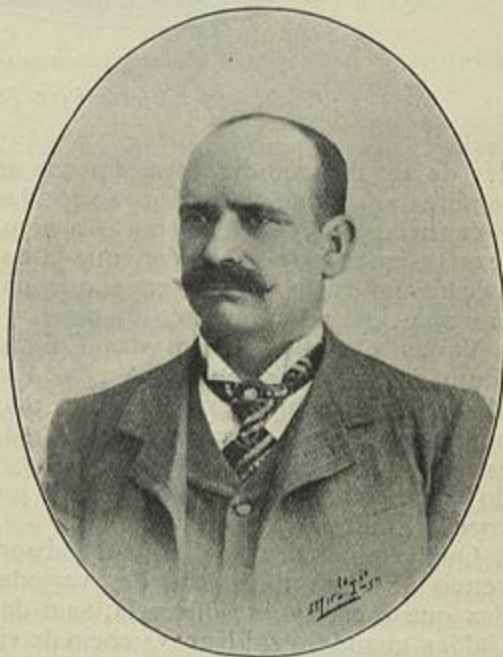
Tudo que se faça pela infancia não é de mais para crear homens fisicamente sãos e moralmente educados e instruidos. E' este um principio que se deve ter sempre em vista, porque ele representa além da maior obra de caridade, o capital mais produtivo com que se pôde dotar a sociedade.

Se fordes educados, instruidos e fortes, conquistareis a vossa independencia pelo trabalho nobilitador.

Como são dignos de louvor e de agradecimento todos quantos se empenham nesta obra do bem, procurando resolver o grande problema social, conjurando, quanto possivel, a miseria!

As cantinas escolares são seguro auxilio á escola, habilitando as creanças a frequental-a, proporcionando-lhes livros, vestuario e calçado, meios de limpeza e refeições, tudo, emfim, que as familias por seus escassos recursos lhes não podem dar. Assim se salvam centenaes de creanças de uma vida miseravel e se lhes prepara um melhor futuro, em que, tanto podem ser uteis a si como ás suas familias e á sociedade em geral.

O reconhecimento seguro deste principio social, tem levado muitos cidadãos prestantes a fundarem as cantinas escolares, quantas vezes



JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

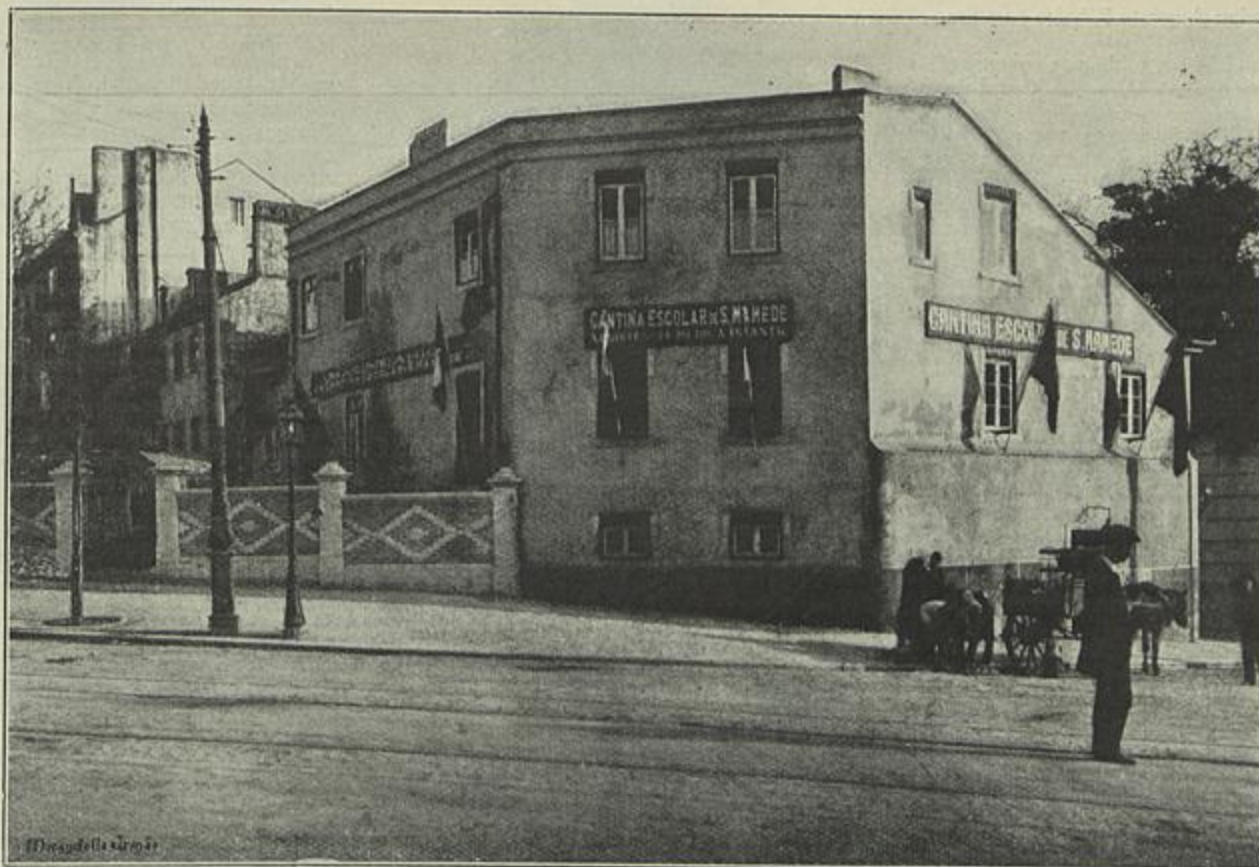
do Rato, por meia duzia de homens cheios de boa vontade e de abnegação, não tardou que por seus esforços, conquistando adêsões á sua ideia, vissem a sua obra do bem prosperar, conseguin-



LUIS FILIPE DA SILVA

do, ao fim de um ano, instalar-se em casa maior, e alargar a sua acção beneficente a 50 creanças da parouquia de S. Mamede.

Pelo que se lê no relatorio já citado, o numero



CASA DA CANTINA ESCOLAR DE S. MAMEDE, ENTRE A PRAÇA DO BRASIL E RUA ALEXANDRE HERCULANO



UM GRUPO DE CRIANÇAS DA CANTINA ESCOLAR DE S. MAMEDE

de subscritores elevava-se, até 31 de abril, a 584, sendo um dos subscritores o Chefe do Estado.

Devido ao auxilio dos srs. drs. Couto Nogueira e Silva Ramos, tem a Cantina assistencia medica para as creanças e balneario para o qual concorreram generosamente os comerciantes e industriaes da parochia srs. Francisco Martins da Costa, Estevão da Silva, José Rodrigues dos Santos e Luis Filipe da Silva, o que é digno de registrar-se pelo bom exemplo que dão em auxiliar instituições desta natureza.

A receita no ultimo ano elevou-se a 998\$055 réis, tendo a direção começado a obra da Cantina apenas com 276\$000 réis em cofre!

Isto basta para demonstrar quanta força de vontade por parte dos fundadores representa esta obra do bem.

A actual direção compõe-se dos srs. Josue Narciso dos Santos, presidente; Alfredo José Cardoso Gonçalves, vice-presidente; Antonio Marcos Figueira Freire e Manuel Francisco das Neves, secretarios; Joaquim Pedro dos Santos, tesoureiro; Flavio Serzedelo Fernandes, vogal.

São estes os nomes que firmam o bem elaborado relatório.

Literatura estrangeira

Os incançaveis editores Guimarães & C.^a de Lisboa, têm ultimamente publicado as seguintes obras de que gostosamente damos noticia aos leitores desta revista:

Deus e o Diabo, por Affonso Kar. Este interessante romance, que ha annos deu ocasião a polémicas, pertence á importante e bem conhecida *Colecção Horas de Leitura*.

Affonso Kar. foi um dos mais originaes romancistas e um dos mais celebres humoristas francezes. Tem uma série de romances originalissimos, além de varios folhetins, litterarios e humoristicos, cultivando tambem o teatro.

O romance, *Deus e o Diabo*, é um livro interessante e correctamente traduzido por a sr.^a D. Maria Benedicta de Pinho.

A Princesa Flora, por Alexandre Dumas. O célebre romancista dotado de uma imaginação viva, de uma fecundidade inexaurível, foi o es-

critor e o dramaturgo mais popular do seu tempo. As suas principais obras, em que a historia de França é livremente interpretada, é o assumpto que lhe serve de base aos seus romances: *Os tres mosqueteiros*; *Vinte annos depois*; *Visconde de Bragelonne*; *Memorias de um medico (José Balsamo)*; *O collar da rainha*; *Angelo Piton, a Condessa de Chamy*; e *O conde de Monte Christo*.

Todos os outros romances: *Fernanda*; *Os casamentos do tio Olifas*; *Uma filha do regente* e *A princeza Flora*, têm um outro assumpto, o que não quer dizer que não sejam tão apreciados como os historicos.

A princeza Flora, que constitue o XLVI volume da *Colecção Alexandre Dumas*, é um interessante romance em que se historia a vida de uma mulher tornada celebre pela sua belleza.

A traducção—confiada ao sr. Antonio Guimarães—é elegante e acurada.

Aos srs. Guimarães & C.^a agradecemos a oferta destes belos livros.

RUY DE ABOIM.



NECROLOGIA

Augusto de Lemos Alvares Portugal Ribeiro

Muito teriamos que escrever se nos fôsse permitido alargar o espaço de que dispomos nesta secção, para falar de Augusto Ribeiro, que a morte arrebatou no dia 20 de agosto, quando contava 60 anos de idade; mas o espaço apenas chegará para registrar as notas biograficas mais importantes da vida deste illustre português, tão inteligente como prestante em bem servir a sua patria, nos importantes cargos publicos que lhe foram confiados.

Mui poucos terão revelado nos verdes annos tanta aptidão e actividade como Augusto Ribeiro, que logo ao concluir, no liceu de Angra do Heroismo, terra de sua naturalidade, o seu curso, por 1871, foi nomeado professor de português, 3.^o anno, e de filosofia do mesmo liceu.

Ainda estudante publicava *O Liceu*, folha litteraria, e colaborava na imprensa açoriana. Em 1876 fundou em Angra do Heroismo *A Ideia Nova*, que concorreu para a reorganisação do partido liberal, pois foi forte arma de combate contra o ultramontanismo. Publicou uma conferencia liberal intitulada *Progredior*; *A reacção ultramontana e a Liberdade*; *os Lazaristas nos Açores*, o que lhe valeu ser excomungado pelo bispo da diocese D. João, em uma pastoral. A

esta pastoral respondeu Augusto Ribeiro com um opusculo *Eu e ele*.

Em 1878 veiu para Lisboa, onde, por concurso, foi nomeado amanuense da Direcção Geral do Ultramar.

Contava então 25 anos e encetava uma nova carreira em que tanto se havia de distinguir, pois sucessivamente por concurso e distincção foi assumindo os logares de segundo e primeiro official, e, em 1897, elevado a chefe de repartição. Para isto estudou e applicou sua intelligencia aos negocios coloniaes. Assim, convidado pela comissão central da Exposição de Paris de 1900, escreveu: *Etudes et observations meteorologiques aux colonies du Portugal; Missions et explorations portugaises du XV au XIX siecles; Du regime fiduciaire et du credit funcier aux colonies portugaises*.

Em 1904, publica *Le présent et l'avenir des colonies portugaises* (réponse à M. Lhomme) exame da situação economica das colonias, que foi traduzido em grande numero de jornaes e revistas estrangeiras. Neste ano tambem publicou *Bento de Goes*, estudo historico e geografico ácerca deste celebre navegador açôriano do seculo xvii; *Le Portugal et l'oeuvre internationale cotonniere*.

Em preparo e via de publicação: *O primado dos Cortes Reaes nas navegações e descobrimentos portugueses; A obra colonial de Sá da Ban-*



AUGUSTO RIBEIRO

deira; O descobrimento da Australia pelos portugueses.

A sua colaboração no jornalismo é vasta. Foi um dos fundadores do *Comercio de Portugal* e colaborou activamente no *Dez de Março*, do Porto; *Paiç*, *Progresso*, *Diario Popular*, *Contemporaneo*, *Diario de Noticias*, *Portugal em Africa*, *Revista Portugueza Colonial e Maritima*. Foi colaborador correspondente da *Revue Politique et Parlementaire*, de Paris.

Vê-se que não obstante as suas obrigações officias, foi grande sua actividade na imprensa, que cultivou literariamente porque seus escriptos se distinguem pelos primores da fórma e do estilo.

Deputado de 1887 a 1890 distinguio-se no parlamento e por sua proposta, brilhantemente apresentada e defendida, foi concedida a pensão a João de Deuso lirico poeta da *Cartilha Maternal*.

Além doutras comissões de serviços publicos, foi secretario dos ministros da marinha Conde de Macedo, Barros Gomes e Jacinto Candido.

Socio de grande numero de sociedades e institutos scientificos estrangeiros e portugueses, era socio da Sociedade de Geografia de Lisboa, sendo um dos professores da Escola Colonial.

Possuia varias condecorações portuguesas e estrangeiras e entre estas a da Legião de Honra de França.

A sua illustre familia reiteramos nossas condolencias pela irreparavel perda.

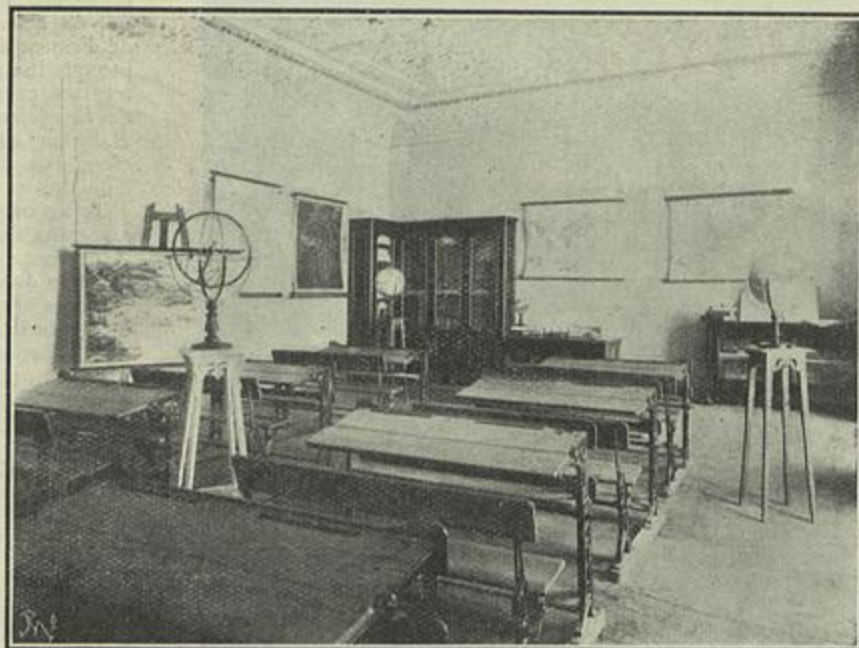
ESCOLA INTERNACIONAL

Instituto de Ensino Primario e Secundario

Dedicado á educação de filhos das Ex.^{mas} Familias Africanas e Brasileiras

Cursos especiaes de Commercio e Linguas Estrangeiras

Internato e semi-internato para o sexo masculino
e externato para os «dois sexos»



Aula de Geographia

TELEPHONE 3653

53, Rua da Emenda, 53-LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os anos, eguaes na cor para colecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua effcacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doenças* e sempre que é preciso *levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.